

DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS EDUCACIONAIS: REFLEXÕES SOBRE OS MODELOS DE GESTÃO, A POSTURA DO PROFESSOR VERSUS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS FRENTE SUA FORMAÇÃO.

Lúcia Nunes Duavi de Oliveira¹
Maruska Raquel Amaral Aragão²
Rita de Cássia de Almeida Cardozo³

RESUMO: Neste texto refletimos sobre os desafios contemporâneos educacionais, os processos de gestão que as escolas veem enfrentando, bem como a condução dos professores e gestores frente a nova realidade BNCC e as competências socioemocionais. Pensando sobre os possíveis avanços na educação e a efetivação de uma prática realmente significativa e seus reais efeitos na prática pedagógica, sem perder de vista os limites e possibilidades para o enfrentamento dos desafios postos à educação na atualidade, defendemos um olhar mais cuidadoso a formação dos professores, dirigindo o olhar ao desenvolvimento de competências. Como aporte teórico, este estudo dialoga, principalmente, com Dewey (2007), Paro (1986), Lima (2006), Herricks (2000) e Porto (2019).

PALAVRAS CHAVE: Gestão. Formação de Professores. Competências Socioemocionais.

ABSTRACT: In this text we reflect on the contemporary educational challenges, the management processes that schools are facing, as well as the conduct of teachers and managers in the face of the new BNCC reality and socio-emotional skills. Thinking about the possible advances in education and the realization of a really significant practice and its real effects on pedagogical practice, without losing sight of the limits and possibilities for facing the challenges posed to education today, we defend a more careful look at the formation of teachers, focusing on the development of competences. As a theoretical contribution, this study dialogues mainly with Dewey (2007), Paro (1986), Lima (2006), Herricks (2000) and Porto (2019).

KEYWORDS: Management. Teacher training. Socioemotional Skills.

INTRODUÇÃO

Neste texto refletimos sobre alguns desafios da educação, as transformações que a escola vem passando ao longo dos anos e a postura do professor versus sua formação para o desenvolvimento de posturas mais efetivas a aprendizagem do aluno face ao desenvolvimento de competências e seus reais efeitos na prática pedagógica, sem perder

¹ Mestranda em Ciências da Educação. Administradora Escolar pela Universidade Vale do Acaraú, luciaduavi@hotmail.com.

² Mestranda em Ciências da Educação. Gestão Escolar pela Universidade Estadual do Ceará. Consultora Pedagógica, maruskafenix@hotmail.com.

³ Mestranda em Ciências da Educação. Licenciada em matemática pela Universidade Estadual do Ceará, ritacac202@yahoo.com.br.

de vista os limites e possibilidades para o enfrentamento dos desafios postos à educação na atualidade.

A realização desse estudo evidenciou-se em decorrência da implantação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento de caráter normativo que define os conhecimentos essenciais que todos os alunos da Educação Básica têm o direito de aprender.

Proposta para escolas públicas e privadas, tem como premissa o trabalho com habilidades para o desenvolvimento de competências, dentre essas as socioemocionais. Os desafios da implantação trazem à tona a deficiência de tais habilidades na própria formação dos professores, e hoje o que percebemos nas várias instancias educacionais são professores com dificuldades em se libertar de modelos tradicionais de aprendizagens, fruto de um período que suas habilidades não poderiam ser confrontadas.

Nesse sentido nossas reflexões seguem duas direções. Primeiro conduzir nosso olhar para os modelos de gestão e participação de professores dentro do processo histórico de democratização da educação, segundo, a defesa da importância da formação do professor em detrimento de sua práxis, na busca de superação e de avanços, tanto na melhoria das condições de trabalho como no desenvolvimento de competências e habilidades para uma educação efetivamente significativa a altura da exigência de nosso tempo.

No entanto, é necessário expor, ainda, que o objetivo desse estudo não é determinar verdades, propor soluções, instrumentalizações práticas, mesmo porque sendo a realidade dinâmica é também multifacetada. Este é apenas um recorte da visão observada no período de implantação da BNCC em escolas públicas e privadas do Brasil.

Como aporte teórico, este estudo dialoga, principalmente, com Dewey (2007), Paro (1986), Lima (2006), Herricks (2000), Porto (2019), BNCC(2017), PNE (2014) e LDB (1996).

1. DESAFIOS DA GESTÃO ESCOLAR

Ao longo da história da educação perpassamos por alguns modelos de gestão. O mundo está sempre em constante transformação, assim, estudos vem tentando quebrar e superar modelos de gestão na busca de autonomia e excelência da educação escolar.

A exemplo, comecemos pela Teoria Tradicional que apresenta um modelo que sob o ponto de vista da organização e gestão educacional centrados na postura conservadora, rígida, formal e burocrática da instituição(escola), de seus professores, coordenadores e funcionários. A apatia e o desinteresse dos alunos se fazem presentes em sala de aula. Passamos também pela Teoria da Burocracia que focava nas relações autoritárias e arbitrarias predominando a racionalidade entre meios e fins, buscando a eficiência máxima por meio da padronização do desempenho humano, avaliando seus alunos através dos índices educacionais sempre em busca da qualidade do ensino-aprendizagem.

Para mudar este cenário e realidade, surgiu uma gestão fundamentada em princípios democráticos que tem como prioridade uma atuação educacional de qualidade. Os estudos evidenciaram que a Gestão Democrática e participativa é de suma importância, no desenvolvimento de projeto coletivo escolar, pois norteia e determina o destino da unidade escolar, destacando a compreensão da dinâmica e conflitiva das relações interpessoais, nas tomadas de decisões, sendo um instrumento favorável para efetivação da educação de qualidade e emancipação da cidadania.

A “gestão democrática” adota princípios como a participação, a transparência e a implementação de políticas educacionais comprometidas com a qualidade do ensino e não se tem gestão democrática sem a participação e o comprometimento da comunidade e das Instâncias Colegiadas que são instrumentos da efetivação da gestão democrática, pois contam com a participação de representantes dos segmentos da comunidade: pais, alunos, professores, diretores, funcionários e as Instâncias Colegiadas (APMF, Conselho Escolar, Grêmio Estudantil e Conselho de Classe) que auxiliam nas decisões e encaminhamentos para solucionar os problemas do cotidiano da escola, objetivando a busca pela melhoria da qualidade no processo ensino e aprendizagem e para que estas participem das discussões e decisões da escola, é preciso que a equipe informe e divulgue as ideias e ações, com transparência, para a comunidade escolar.

A gestão democrática da escola é o cerne do processo de democratização da educação, dá o direito à educação, dá a possibilidade de educar para e pela democracia e participação. Como lembrou John Dewey no seu livro clássico *Democracia e Educação*: “A democracia é mais do que uma forma de governo: é, antes de mais, uma forma de vida associativa, uma experiência partilhada em conjunto” (DEWEY, 2007, p.88).

Toda escola precisa de ações coletivas, acompanhamentos e formações continuadas

que auxiliem os professores com novas estratégias e metodologias para serem trabalhadas e divulgadas entre o corpo docente da escola. A gestão participativa passou a ser uma das premissas para uma participação popular no sentido de construir uma identidade e autonomia da escola, conforme **Paro (1986)**, *“a gestão participativa é construída pelas forças políticas, viabilizando o bem comum no contexto social na qual a escola está inserida, pois a escola e a comunidade estão dialeticamente constituídas.”*

Quando as condições dos ambientes das organizações são bem trabalhadas, criam-se condições de transformações positivas nos interiores dos seres humanos, sejam empresas que dão lucros; sejam escolas que formam cidadãos autônomos, críticos, políticos e reflexivos.

Os movimentos sociais e os educadores defendem uma educação pública, laica, inclusiva, democrática e participativa, favorecendo as aprendizagens coletivas com intervenções política, cultural, social e educacional na organicidade administrativa, pedagógica e financeira da escola pública. Nessa dimensão, *“isto significa que os conceitos de autonomia, de descentralização e de participação devem ser entendidos em ruptura com o processo de ressemantização neoliberal que vem ocorrendo nas últimas décadas”* (LIMA, 2006, p.31).

Chegamos ao modelo de gestão escolar que respeita e valoriza seus alunos e professores, ocorrendo uma troca de conhecimentos e parceria entre eles. A escola abandona os modelos tradicionais, arcaicos e adotaram os princípios da Teoria da Contingência, onde se acredita que o mundo histórico atual está marcado por profundas transformações em todas as áreas da vida humana e que não existe fórmula secreta para o sucesso, para a eficácia, mas de análises e estudos individuais, pois cada “organização” tem sua peculiaridade que deve ser respeitada e adaptada às constantes transformações, não permitindo a utilização de um padrão igual para todas elas.

O conhecimento acontece dentro e fora da sala de aula e cada aluno tem seu tempo de aprendizado que deve ser respeitado. Ele pode expor suas aptidões e criatividade em todas as áreas da escola, e ficam cada vez mais exigentes e não aceitam mais “qualquer professor” que por sua vez entra num processo de atualização constante de sua “práxis”. A escola deve estar sempre aberta para a comunidade restaurando a parceria com os pais e famílias, aumentando suas participações na educação de seus filhos. Não existe mais distância entre aluno e escola, pois o aprendizado/educação faz a ponte entre eles.

2. O PAPEL DO GESTOR E A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA COMO INSTITUIÇÃO FUNDAMENTAL A FORMAÇÃO DE PROFESSORES.

O termo gestor tem origem no latim e significa *levar sobre si, executar, gerar*. Na raiz do termo também está presente a ideia *de fazer brotar, germinar, fazer nascer*, oriunda do termo *gestatio*. Dito isto, iniciamos aqui a reflexão da importância do gestor e sua condução ante os processos escolares, e neste aspecto queremos destacar a formação de professores.

Partindo da ideia de uma gestão democrática, os gestores precisam abandonar atitudes excessivamente burocráticas, conservadoras, autoritárias e centralizadoras para disseminar práticas de gestão e liderança participativa, atitudes flexíveis e compromissos com as necessárias mudanças de que a educação precisa.

Um gestor com olhos a mudanças para uma nova escola precisa movimentar todas as unidades que compõem a escola. É preciso determinar, analisar, avaliar processos e se autoavaliar. Ele tem o papel de provocar mudanças nas práticas pedagógicas e administrativas para garantir a qualidade da educação, atingindo as metas estabelecidas, construindo a identidade da escola, considerando o diálogo e a diversidade de sujeitos que dela fazem parte.

Todas essas ações contribuem para que o gestor crie vínculos com sua equipe, proporcionando interações em todas as questões de interesse da escola. Desse modo, a gestão democrática resulta da construção pessoal e coletiva dos envolvidos no processo de educar. O gestor também influencia no trabalho do professor, pois é o principal agente facilitador da escola. Nesse sentido, deve proporcionar uma estrutura harmônica e organizada, com autonomia para um planejamento flexível e acesso à formação continuada.

Das muitas atribuições da gestão escolar, podemos concluir que seu desafio maior é coordenar os diversos aspectos, sejam eles administrativos ou financeiros, para promover a aprendizagem e concretizar as propostas pedagógicas.

Em meio a este cenário, destacamos a importância do gestor como referência a seus professores na busca do desenvolvimento, que passa não só pela formação continuada, mas também pelo desenvolvimento de competências (pedagógicas e emocionais).

Uma vez oportunizado nos ambientes escolares um processo de formação continuada nos deparamos também com resistências, professores ou acadêmicos que se agarram à sua própria ideia do que seja uma boa educação, ou um método de ensino.

Uma pesquisa liderada pela antropóloga Lauren Hernicks, na Carnegie Mellon University, instituição americana líder em pesquisa educacional, buscou identificar por que os professores relutavam em abordar seus métodos tradicionais para adotar práticas apoiadas pela tecnologia e concluiu que:

“...os professores tem uma enorme necessidade de se apegar e manter seus próprios métodos porque têm muito medo de parecerem ridículos na frente dos estudantes. Esse medo de serem ridicularizados fazem com que não tentem algo novo”. (Freitas, Marcelo. Revista Linha Direta, 2017 p.45)

Talvez esta postura tenha sido fruto de um período- décadas a fio- em que o professor foi visto como um ser humano detentor do saber e este por sua vez era absoluto, não tendo espaço para a diversidade e nem para o novo, e que, em hipótese alguma, poderia ter suas habilidades confrontadas para não demonstrar vulnerabilidade.

Fato é que o mundo mudou e muda a toda hora e não houve tempo para que estes professores oriundos de uma geração analógica, se adaptassem e atingissem a mesma destreza para lidar com toda essa tecnologia das novas gerações.

O que presenciamos hoje em nossas salas de aula é este choque de cultura, onde professores tem que lidar com diferentes contextos e emoções sem ao menos ter tido tempo de se preparar ou conhecer mais sobre isso.

Segundo Nina Porto, supervisora de ensino do município de Guarulho-SP, a humanização da relação professor-aluno pode levar o professor a ampliar seu desenvolvimento e não somente o aluno ganha com isso:

“Há situações em que o educador se sente profundamente frustrado por não conseguir atingir um aluno de forma como havia planejado. Se tiver a possibilidade de conhecer esse aluno mais profundamente, certamente o profissional perceberá a natureza das limitações presentes na realidade daquela criança ou jovem.”

Com essa sensibilidade de percepção, o professor é capaz de compreender melhor seu próprio trabalho e as direções as quais o aluno pode avançar.

Não se pode negar, entretanto que a formação dos professores ainda é muito falha na oferta de situações de reflexão e prática para as percepções socioemocionais, de como estabelecer relações saudáveis e realmente construtivas com os alunos. Sem esta base muitos profissionais escolhem utilizar o seu conceito pessoal de educação, acreditando ser o melhor caminho.

É nesse processo, em grande parte das vezes inconsciente, que os educadores acabam reproduzindo os modelos autoritários e de pouco olhar para o outro aos quais eles mesmos foram submetidos em seus lares ou em sua escolarização.

Conclui-se que a formação de professores é carente de afetividade. Muitos profissionais saem de suas carreiras com uma considerável base teórica, mas pouca consciência de que o sucesso de seu trabalho, dependerá, em grande medida, da qualidade na interação com as pessoas.

3. A BNCC E AS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS

A Constituição Brasileira de 1988 cita em seu 210º artigo a necessidade de uma base curricular para que sejam fixados conteúdos mínimos a serem ensinados ao longo da Educação Básica. Mais tarde, em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) foi criada reafirmando essa necessidade, e o Plano Nacional de Educação (PNE), de 2014, traçou 20 metas para a melhoria da educação, sendo que quatro delas fazem referência à criação de uma base. Somente mais de 20 anos depois da sua primeira citação, nasce a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), especificamente voltada para a Educação Infantil e Ensino Fundamental, homologada em dezembro de 2017 em sua 4ª versão.

O Ministério da Educação brasileiro instituiu que todo o país, a partir de 2020 tenha um documento normativo para definir as aprendizagens essenciais devem ser ensinadas ao longo de toda a educação Básica aos alunos de todo país, com igualdade e equidade, garantindo seu desenvolvimento em múltiplos aspectos.

As aprendizagens elencadas pela BNCC devem estar diretamente relacionadas ao desenvolvimento de 10 competências gerais, que se referem a mobilização de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores importantes para resolução de demandas do dia a dia, como curiosidade intelectual, senso estético, diálogo e cooperação,

argumentação entre outras.

As competências, bem como o desenvolvimento das habilidades socioemocionais, já vêm sendo trabalhadas em muitas escolas, não de maneira sistemática, intencional, por isso a Base formaliza esta necessidade.

As competências socioemocionais buscam tornar nossos alunos cidadãos melhores, capazes de lidar com suas emoções e a conviver harmonicamente com o outro. A BNCC integra as habilidades socioemocionais às cognitivas para que o aluno perceba que empatia, protagonismo, autoconfiança, respeito, resiliência, entre outros fazem parte do seu dia a dia e são possíveis de serem praticados dentro e fora da escola.

A formação docente atual é mais que necessária, pois hoje não temos profissionais formados que nasceram no século XXI. Quem nasceu em 2000 estava prestando ENEM em 2018, considerando a idade ideal para o término da educação Básica dos nascidos no século XXI. Essa situação traz o fato de que em 2019 os docentes ainda têm suas formações forjadas nos preceitos do século XX. Assim, devemos reconhecer que a formação docente tinha outro objetivo e atendia a outros contextos onde não se preocupava com competências e habilidades e o protagonismo não se fixava nos alunos, e sim nos professores.

Observamos que junto as mudanças vêm a ampliação e necessidade de desenvolvimento tecnológico, ditando este o perfil profissional exigido. Os profissionais precisam buscar conhecimentos novos, empresas/escolas precisam oferecer formações que aproximem os colaboradores da nova realidade, e aqueles que ainda não chegaram ao mercado de trabalho devem estar inseridos em propostas pertinentes.

Vemos a BNCC buscando diálogos íntimos com os preceitos que definem a vida contemporânea. As competências gerais trazem implícitas as preocupações atuais com o desenvolvimento do ser integral, crítico, argumentativo, consciente das possibilidades digitais e materiais que envolvem o meio.

Temos, portanto, um momento de avanço tecnológico na Educação que necessita de atores que dialoguem com as demandas do cotidiano. Nesse sentido a formação de professores precisa se aproximar, cada vez mais, os profissionais da educação com a realidade, a necessidade e os desejos dos alunos.

Por fim, professores e escolas precisam compreender o momento revolucionário da Educação brasileira e, conjuntamente organizar recursos e esforços para promover uma

formação continuada, tanto no universo acadêmico quanto no próprio ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que as práticas educacionais acompanham o tempo e as transformações a que estão inseridos. A constante mudança educacional, e mais precisamente a implantação de um documento tão importante como a BNCC, está requerendo de nós, profissionais da educação, ações voltadas à altura do nosso tempo, isto é, muito estudo e formação, condução efetiva de processos de conscientização, compreensão crítica e participação de todos na busca de transformar a vida por meio da Educação.

O medo não teve ter mais espaço nesta geração, e mesmo tendo em nós resquícios de uma escolarização que não atende a demanda atual, devemos nos encorajar, estudar e propor um olhar mais cuidadoso a todos os envolvidos. Trabalhar não só nos educando, mas também em nós as competências e habilidades da vida em sociedade. Assim, é imprescindível a garantia de aprendizagens pelos alunos para que possam atuar como sujeitos ativos e capazes de lidar com as demandas de suas práticas sociais.

Mas acreditamos que o sucesso nas etapas subsequentes depende de uma base bem formada nos primeiros anos de implantação do documento. Consideramos ainda a importância do professor e da escola como importantes agentes de formação cidadã, independente e para além dos desafios que nos são postos constantemente.

REFERÊNCIAS

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas Atuais da Educação**. Revista São Paulo Perspectiva. Vol. 14, no.2. São Paulo 2000.

FREITAS, Marcelo. **A educação precisa de “professores cara de pau”**. Revista Linha Direta. Ed.233, ano 20, p.44-46, 2017.

SAS Plataforma de Educação. **Quatro Olhares para a Base**. Revista Educar Mais.p.18-21.ano X, nº 19, 2019.

SAS Plataforma de Educação. **Como seus alunos lidam com as emoções?**. Revista Educar Mais.p.18-20.ano X, nº 20, 2019.

PINTO, Débora. **O Vínculo do Afeto. Revista Educação.** P.37-48. Ano 18, nº 215, 2015.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Articulação com o Sistema de Ensino. **Planejando a Próxima Década: conhecendo as 20 metas do Plano Nacional de Educação.** MEC/SASE. Brasília, 2014. Disponível em: <http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf>. Acesso em: 29.08.2019.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 29/08/2019.

PARO, V.H. **Administração escolar:** introdução crítica. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

LIMA, Elmo de Souza. **Educação Contextualizada no Semi-árido:** Construindo Caminhos para Formação de Sujeitos Críticos e Autônomos. 2006.